

Rupturas e Descontinuidades na Trajetória de Josias: dos projetos político-religiosos dos sujeitos e suas metamorfoses no Brasil contemporâneo*

Margarete Fagundes Nunes – Universidade Feevale - Brasil

Mauro Meirelles – Unilasalle - Brasil

Valdir Pedde - Universidade Feevale – Brasil

Resumo: O presente artigo centra-se na discussão de trajetória, projeto e metamorfose, por meio da análise e da interpretação de registros de pesquisas etnográficas realizadas em três momentos distintos – 1993/2002/2011 – e que tiveram como principal sujeito de pesquisa o mesmo interlocutor. O estudo recupera elementos das três etnografias, a fim de compreender as descontinuidades e rupturas presentes na trajetória desse interlocutor, que, ao se deparar com as contradições e os conflitos da militância religiosa e política – partidária e do movimento negro -, reelabora um novo projeto, buscando dar sentido à experiência vivida. Neste sentido, busca refletir sobre as interconexões existentes entre a religião, a política e a etnicidade.

Palavras-chave: Trajetória, projeto, metamorfose, política, religião, etnicidade.

Abstract: The article focuses on the journey discussion, project and metamorphosis, through analysis and interpretation of ethnographic research carried out in three different moments – 1993/2002/2011 – and had as main research subject the same speaker. The study recovers elements of the three ethnographies in order to understand the discontinuities and ruptures present in the speaker journey, when facing contradictions and conflicts on religious militancy and political – political party and black movement – reworks a new project trying to give some meaning to the lived experience. To the theoretical and methodological of anthropology, it is added contribution from political science to debate on religion, politics and ethnicity interconnections.

Keywords: Journey, project, metamorphosis, politics, religion, ethnicity.

Introdução

Este artigo reúne dados de pesquisas etnográficas realizadas em momentos históricos distintos. Até aqui, nem uma originalidade no feito, salvo o fato curioso de que o principal sujeito da pesquisa, transformado aqui em narrador, foi um importante interlocutor durante a realização dessas etnografias desenvolvidas em momentos distintos da vida e da formação acadêmica dos pesquisadores. A primeira etnografia, feita há cerca de 20 anos, centrou-se no estudo das relações interétnicas no interior de casas de religiões de matriz africana, no Vale do Rio dos Sinos/RS (Nunes, 1993); a segunda teve como objeto a relação entre política e religião na Igreja Universal do Reino de Deus (Pedde, 2002); a terceira buscou recuperar a trajetória social (Velho, 1999) desse mesmo interlocutor, reunindo, desse modo, os pesquisadores em questão (Pedde; Santos; Nunes, 2011).

O leitor pode-se perguntar onde está a novidade, pois há grandes possibilidades de os cientistas sociais se encontrarem em campo e, até mesmo, disputarem os mesmos sujeitos de pesquisa, quanto mais que, entre as duas primeiras pesquisas, houve o intervalo de cerca de uma década. No entanto, o que instigou a redação deste texto foi o fato de que, durante a primeira etnografia, o interlocutor em referência ocupava um lugar importante no interior das religiões afro-brasileiras e na militância política dessas religiões no Rio Grande do Sul. Um lugar que nos remete à uma práxis bastante comum no campo (Meirelles, 2008), de modo que buscamos realizar um movimento teórico de pensar as religiões afro-brasileiras a partir da forma esta se mostra estruturada dentro do próprio campo das religiões de um modo geral, para em seguida realizarmos um deslocamento de alguns conceitos utilizados pelo estruturalismo, em especial a noção de clã e aliança, do campo religioso para o político.

Nos anos 2000, por ocasião da segunda etnografia, esse mesmo sujeito passou a falar de outro lugar: do universo das religiões neopentecostais. Nos dois casos, ocupando postos importantes de articulação e representação política interna e externa ao universo religioso. Em 2011, os pesquisadores retornaram ao campo e retomaram contato com Josias, dando, assim, início ao terceiro momento do encontro etnográfico. Este artigo, portanto, nasceu fundamentalmente das provocações suscitadas por esse reencontro com Josias e do interesse em compreender suas “idas e vindas” no universo religioso, na militância partidária e nos movimentos sociais, inclusive a sua ligação com os movimentos de base étnico-racial na sociedade brasileira contemporânea de modo que, a partir deste movimento, buscamos compreender o sentido de tal mudança semântica e a forma como “essa mudança” pode ser utilizada para a compreensão da forma como os membros destas religiões pensam e estabelecem relações com o campo político – na prática, o que pretendemos neste terceiro movimento é buscar o não dito, o sentido velado daquilo que norteia sua inserção no campo político e o porquê do seu sucesso e/ou insucesso.

Quando, em 2011, os pesquisadores restabeleceram o diálogo com esse interlocutor, tinham como objetivo compreender a sua trajetória (Velho, 1999), por meio da reflexão sobre as rupturas e descontinuidades (Eckert & Rocha, 2005) presentes na sua narrativa. No entanto, elementos dos encontros etnográficos de 2011 são

sobrepostos aos elementos recuperados da primeira e da segunda etnografia. Desse modo, este trabalho reproduz as descontinuidades presentes na narrativa de Josias, trazendo para a cena do texto elementos pesquisados em três momentos distintos da sua vida, que estão organizados neste texto em quatro momentos diferentes, mas interligados: reminiscências etnográficas I (1993), reminiscências etnográficas II (2002), do projeto e da metamorfose de Josias e o reencontro com Josias e perspectivas etnográficas (2011).

Neste sentido, cabe lembrar como já dissemos, apesar da divisão temporal feita, os tempos aparecem reunidos numa superposição, revelando uma tensão entre rupturas e continuidades e é exatamente essa busca de equilíbrio para as temporalidades narradas que dá o encadeamento de sentido à narrativa e à trajetória de Josias e, também, coloca em evidência aspectos relativos ao campo político e religioso brasileiro e o modo como esse está estruturado e/ou vem estruturando-se ao longo dos últimos vinte anos.

1. Reminiscências Etnográficas I

Eckert & Rocha (2005) falam das implicações do ato de narrar para o pensamento antropológico. Ao realizar a passagem do enunciado oral para o texto escrito, o antropólogo insere a sua narrativa etnográfica no interior da comunidade acadêmica, abrindo espaço para as reflexões sobre o caráter epistemológico e metodológico da construção do conhecimento. Fazendo isso, o antropólogo transforma-se também em narrador. Desse modo, queremos enfatizar que a pretensão de dar “sentido” aos fragmentos da narrativa do nosso personagem Josias não nos isenta da participação do trabalho de reconstituição da memória, pois somos jogados, imediatamente, para o interior da narrativa e, ali, interlocutor e pesquisadores (re) vivem a experiência de uma memória compartilhada. Constituindo-se, como quer Bakhtin (1992) quase em um gênero secundário do discurso de Josias sobre ele mesmo em momentos e tempos diversos e pautadas numa *illusio* (Bourdieu, 1996, 2006) que foi ao longo de sua trajetória sendo reinventada e ressignificada.

Interessa-nos, aqui, neste momento recuperar a trajetória de Josias. Neste sentido, antes de continuar, cabe destacar que só foi possível conhecer um pouco dessa trajetória porque, em alguns momentos, nossos projetos (Velho, 1999) se cruzaram. E isso aconteceu, a primeira vez, em 1993. De um lado, estava a estudante de Ciências Sociais atrás de interlocutores para a sua pesquisa etnográfica junto às casas de religiões de matriz africana no Vale do Rio dos Sinos/RS, do outro, estava um dos diretores do então Centro Nacional de Articulação dos Religiosos Afro-brasileiros (CENARAB) e, ao mesmo tempo, o assessor de políticas públicas para o negro de um município da Grande Porto Alegre, disposto a divulgar o trabalho das instituições as quais representava. E, Josias, neste momento, equilibrava-se entre dois espaços de poder: mantinha um pé no movimento social e outro no governo municipal.

Josias era um interlocutor cativante: alegre, disposto, comunicativo, com um poder de oratória ímpar. Não demorou muito para que ele se transformasse numa espécie de “conselheiro” frente às dificuldades da pesquisa, mediando algumas relações

com o movimento negro e com as casas de religiões afro-brasileiras. A defesa que Josias fazia das religiões afro-brasileiras estava devidamente sintonizada com a luta antirracista e com o movimento de afirmação de uma identidade negra, combatendo, de forma veemente, quaisquer teorias que reforçassem a mestiçagem e o sincretismo. Dos encontros etnográficos da década de 1990 ficaram alguns registros gravados que, agora, auxiliam na reconstituição dessa memória aqui evocada pelos pesquisadores.

Portanto, de início evoquemos aqui alguns excertos de entrevista realizada com Josias no segundo semestre de 2003, a partir do qual começaremos a desenvolver nossas considerações. Vejamos:

Excerto 1: No período escravista, os negros que vieram pra cá trouxeram a sua religião, e que não era o cristianismo, era muito diferente, era o culto dos orixás, o culto à ancestralidade, até porque se trabalha muito com a questão dos desencarnados, como dizem os kardecistas, os desencarnados, mas a gente diz os ancestrais, os nossos antecedentes históricos. Era uma religião que tinha outra visão. E o que nós vemos hoje? Isso que eu estou colocando é uma posição pessoal minha. Não é uma posição da entidade ainda (do CENARAB). O que nós temos hoje? As igrejas cristãs. O que a gente identifica claramente na postura das igrejas cristãs? As igrejas preparam o indivíduo para a morte, é bem essa a linha ideológica das igrejas cristãs. É isso, preparam o homem para a salvação, quer dizer, purificar o homem para que ele possa ganhar o reino dos céus.

Excerto 2: Na visão africanista, o sagrado está intimamente ligado com o nosso cotidiano, com o nosso dia a dia, com a nossa atividade profissional, com a nossa atividade esportiva. A gente pode até fazer um referencial assim: que os grandes atletas hoje, tranquilamente, eles devem estar ligados a Exu, que é a energia do movimento, ou a Ogum, que é a energia da força, e tem outras questões assim.

Excerto 3: A gente trabalha muito bem com essa coisa, até porque nos nossos rituais têm essa questão cultural de materializar os nossos deuses, de materializar os nossos antepassados históricos. No caso da umbanda, que trabalha com os caboclos, que são espíritos indígenas, que foram os primeiros habitantes da América, trabalham também com a materialização do espírito; os preto-velhos, que foram os primeiros escravos e que aqui chegaram e derramaram seu sangue. A partir daí, então, a Igreja Católica, juntamente com o poder institucional do país no período da Monarquia, e até mesmo nos primórdios da República, começou a combater a auto-organização dos cultos africanos. Começaram a incendiar terreiros, assassinaram pais-de-santo, quer dizer, nem eram pais-de-santo, mas babalorixás, yalorixás. A perseguição foi muito grande. A gente tem relato de uma infinidade de babalorixás e yalorixás que foram presos, um genocídio muito grande com relação à forma de repressão às culturas africanas. A partir daí, os africanos, os descendentes de africanos começaram a pensar alternativas de como preservar a sua cultura. E começaram, até de uma forma muito inteligente, a enxergar algumas semelhanças, algumas características básicas que os orixás tinham com alguns santos católicos pra fazer um comparativo.

Excerto 4: Em busca de uma alternativa, os africanistas começaram a incorporar novos elementos na sua cultura, mas com o sentido da preservação, de garantir a preservação, não no sentido de se submeter à dominação, no sentido de preservação.

Excertos 5: Hoje, eu acredito... E isso que eu estou falando é uma visão pessoal minha... Hoje eu acredito que a gente devia derrubar todos os santos das prateleiras.

Excerto 6: Tem uma mãe de santo, que eu não lembro o nome, que disse uma coisa, uma vez que eu estive em Salvador, visitando uma terreira, e foi a primeira coisa que me chamou a atenção, assim, na entrada: 'lugar de orixá é no terreiro, lugar de santo é na igreja'.

Excerto 7: Mas a gente está sistematicamente trabalhando neste sentido, de colocar bem claro isto, como a mãe de santo disse: lugar de santo é na igreja, lugar de orixá é no terreiro.

De uma maneira geral tem-se que o relato de Josias e os excertos aqui apresentados nos remetem fundamentalmente a duas questões basilares e nos permitem compreender o modo como nessa época ele percebia o campo religioso e político e o modo como, a partir desta *illusio* referendava sua atuação no interior desses dois campos. A primeira delas nos remete a forte ênfase que o narrador dá à perseguição histórica sofrida pelas religiões de matriz africana (excerto 3), mas ainda, referendado em um alçó difuso personificado no Estado e na Igreja Católica, algo que nos remete a ideia de guerra santa mais tarde desenvolvida por Oro (1997) em relação as religiões neopentecostais e ao episódio do chute na santa (excertos 5, 6 e 7). A segunda, que se refere ao seu posicionamento contrário ao sincretismo religioso (excerto 3 e 4). Da mesma forma, também, estabelece diferenças entre as religiões cristãs e aqueles que matriz africana colocando em evidência o caráter transcendente das primeiras (excerto 1) e o caráter imanente da segunda (excerto 2).

Algo que mais adiante voltaremos a evocar quando em outro momento do texto, nos ocuparemos de outros fragmentos narrativos que apontam para um novo lugar ocupado pelo nosso personagem, qual seja, a Igreja Universal do Reino de Deus. Por ora, vale a pena destacar que Josias se manteve leal à interlocução iniciada nessa pesquisa, contribuindo, de algum modo, para a execução dos novos projetos (Velho, 1999). Desta feita, lembramos também que em meados dos anos 2000, em um encontro fortuito, Josias anunciou à pesquisadora o seu afastamento do universo afro-religioso e a sua adesão a uma identidade evangélica. Guardemos isso.

2. Reminiscências Etnográficas II

Durante o ano de 2002, tivemos um contato com Josias. Como já dito acima, nosso interlocutor se mostrava com uma personalidade cativante e defendendo suas posições com entusiasmo. Obviamente, naquele momento, suas posições haviam

mudado. Além de participar da Igreja Universal do Reino de Deus, não possuía mais nenhum cargo público. Já não mais fazia parte da direção do CENARAB, tampouco da administração municipal. Contudo, continuava a defender a necessidade da participação pública das pessoas, especialmente, dos evangélicos.

Aqui, deparamo-nos com a narrativa de um Josias cuja identidade já passou por uma metamorfose, parafraseando Velho (1999) em suas análises sobre fragmentação e unidade nas sociedades complexas, nas quais discorre sobre as inter-relações entre as mudanças individuais e os contextos socioculturais. De antemão, já recorreremos a Velho (1999) para legitimar a interpretação das transformações vividas pelo sujeito, sem priorizar aquelas consideradas irreversíveis, estáveis e permanentes, ao contrário, seguimos a orientação do autor para atentar também para as “idas e vindas” dos sujeitos, para as mudanças resultantes das suas experiências cotidianas, para o que se insinua como um campo de possibilidades, alimentando a constituição dos projetos individuais e coletivos.

Ao fazermos isso, reconhecemos as rupturas e discontinuidades que constituem as trajetórias dos sujeitos (Eckert & Rocha, 2005). Nesse caso, tanto na narrativa do sujeito da pesquisa quanto na forma como os pesquisadores organizam o texto escrito, revela-se o esforço coletivo de restabelecer um *continuum*, de reordenar as experiências vividas. Por vezes, impõe-se o tempo cronológico, linear e progressista que dissimulando as rupturas e a pluralidade dos tempos vividos e pensados, outras vezes, é o próprio o sujeito que “amarra” sua biografia e destaca aquilo que considera importante e dá sentido a sua posição no tempo presente (Bourdieu, 2006).

Josias nasceu no interior do RS, na região da campanha. Seu pai havia sido um militar do exército. Como muitos outros jovens interioranos do Rio Grande do sul, aos 19 anos, rumou a Porto Alegre para estudar e trabalhar. Já matriculado e cursando o ensino médio, engajou-se no movimento estudantil, mais especificamente, na União Gaúcha de Estudantes – UGEs. Na mesma época, conseguiu emprego na editora da Livraria do Globo, onde foi aprendiz de impressor gráfico. Mais tarde, mudou de emprego e trabalhou em empresas metalúrgicas. Foi onde ele conheceu e tomou parte do movimento sindical na década de 80 e participou ativamente na organização do Partido dos Trabalhadores ao lado de outros sindicalistas.

Num momento posterior, prestou concurso e foi aprovado como funcionário da Rede Ferroviária Federal. Dentro da empresa ferroviária, integrou-se ao movimento sindical, mas na forma de oposição ao sindicato existente. Naquele momento, o sindicato dos ferroviários era coordenado por pessoas não ligadas à Central Única dos Trabalhadores (CUT) e ao Partido dos Trabalhadores (PT). À revelia do aval do sindicato, juntamente com outros funcionários, organizou greves por melhores condições de trabalho e salário. Na segunda tentativa de eleger-se para a liderança do sindicato dos ferroviários, a chapa de oposição foi vitoriosa. Nessa época, a vida matrimonial e familiar de Josias estava em crise, devido as suas constantes ausências e, em virtude desse fato, ele não aceitou fazer parte da diretoria recém-eleita.

Sendo negro, Josias, como participante da CUT e por recomendação desta, foi convidado e tomou parte de discussões sobre preconceito racial, promovidas pela referida Central Sindical. Engajou-se nesse tema e, a partir desse vínculo, ele foi

conduzido para a diretoria do CENARAB e tornou-se vice-presidente da instituição. Neste sentido como o próprio Josias destaca em entrevista realizada no ano de 2002, tem-se que a O CENARAB, apesar de ser uma entidade das religiões afro, era também uma entidade do Movimento Negro que teve uma participação bastante grande no Primeiro Encontro de Entidades Negras, que aconteceu em 1990, em São Paulo.

Segundo ele mesmo coloca, pode-se dizer que esse foi um período “conturbado” de sua trajetória pois, por volta de 1990, acabou sendo demitido da Rede Ferroviária Federal e separando-se de sua esposa. Como ele mesmo diz: viu seu mundo ruir. Deprimiu-se, perdendo-se no alcoolismo. Em virtude de sua participação no CENARAB e por estímulo de muitos companheiros de militância da causa negra, deixou-se aprontar como babalorixá no ano de 1991. Nesse mesmo ano, foi convidado a participar do governo de um município como assessor para assuntos de cultura negra. Isto posto, trabalhou como articulador de políticas da cultura negra nesse município por um bom tempo, pois, como ele mesmo assevera em entrevista realizada no ano de 2002:

Eu fui escolhido para assessorar na assessoria de políticas públicas para a comunidade negra. A partir daí, várias atividades foram realizadas, tendo como ponto de vista o resgate da cultura afro-brasileira, mas também de preservação e valorização das culturas negras, como o Carnaval, a música negra, a dança, a capoeira. Essa assessoria articulava todos esses segmentos: de música, de dança, das religiões afro, da cultura negra como um todo (JOSIAS, 2002).

Com isso temos que como membro do CENARAB, obteve grande visibilidade pública, participando da organização de um seminário dentro da ECO 92 no Rio de Janeiro. Engajando-se assim, na luta para aumentar a visibilidade das religiões afro, tendo auxiliado, inclusive, na organização da festa de Ogum, ocorrida naquele evento. Pois como ele mesmo relata,

Este era um evento que reunia cerca de trinta mil religiosos aqui [...]. Ele tinha a intenção de resgatar a visão ecológica da cidade com o rio e do orixá Ogum com o rio. Isso acontecia sempre no mês de dezembro, próximo ao dia 8 de dezembro. Este é o dia em que os terreiros de religião festejam, comemoram o orixá Ogum (JOSIAS, 2002).

Finda a gestão do prefeito, ficou sem emprego, pois sua assessoria era um cargo de confiança. Essa saída, além de gerar uma situação financeira difícil, conduziu Josias a certo ostracismo. Perdeu praticamente todas as possibilidades de manter sua visibilidade política. E, Josias viu-se diante do desafio de encontrar uma saída para o seu sofrimento. Buscou, no interior das religiões afro-brasileiras e de matriz africana, explicações que dessem sentido às suas experiências. Desiludido, voltou-se para o consumo de drogas e iniciou um processo de questionamento do universo religioso ao qual estava vinculado. Suas referências políticas e religiosas que até então ancoravam seu projeto de vida, nesse processo, perderam a centralidade como universos de significação do seu lugar no mundo. De modo que, como ele mesmo discorre, em 2002, se referindo a esse processo:

Então, eu comecei a procurar explicação para essa situação. Como é que aconteceram essas coisas todas? Fui buscar essas explicações do ponto de vista espiritual. Comecei, através de reflexões, através de consultas aos búzios, consulta aos oráculos, consulta às entidades, aquelas entidades que eu cultuava e tudo, e eu comecei a ver que ali estava o motivo desse fracasso do ponto de vista profissional, político e afetivo. Então, eu acabei entrando num desespero muito grande. Angustiei-me profundamente com isso e procurava um apoio espiritual nas entidades do culto afro-brasileiro, mas a resposta não vinha. Foi aí que eu comecei a questionar: Puxa! Mas eu tô servindo há tanto tempo esses espíritos. Tô servindo há tanto tempo, já quase vinte anos servindo aos espíritos, servindo aos Orixás, servindo aos caboclos, tudo. Mas a minha vida tava dando pra trás. Depois de ter chegado a um estágio de grande visibilidade pública, de prestígio, próximo ao poder, porque eu era assessor do prefeito, eu vi tudo cair por terra. Fiquei na rua da amargura. Daí eu comecei a pensar: pô, mas que poder têm esses Orixás? Que poder tem essa religião? Por que eu, um servo, um seguidor, hoje, estou nessa situação? Aí eu comecei a questionar. E fui buscar essa resposta do ponto de vista espiritual e não consegui. Nesse desespero grande, as facilidades começam. Aí eu comecei a beber muito, entrei no fundo do poço. Comecei a beber, tive contato com drogas, usei drogas e acabei me endividando, chegando ao ponto de pensar em suicídio. Mas aí, para honra e glória de nosso Senhor Jesus Cristo, eu conheci Jesus. Eu tinha tentado o suicídio depois de usar mais de 20 g de cocaína. Eu quase entrei em overdose, mas, naquele momento em que eu senti que eu ia morrer, que eu disse: Jesus! Foi quando eu me lembrei de dizer o nome de Jesus.

Desta feita, temos que a partir da crise de sentido de sua trajetória e de seu projeto de vida, Josias encontrou a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Esse “encontro” se deu, inicialmente, a partir de programas televisivos, os quais o impulsionaram a participar de cultos nessa igreja. Acabou por converter-se e, após essa experiência, empreendeu uma luta contra as drogas, tendo várias recaídas, mas, finalmente, “libertou-se” da dependência química. Pois,

A partir daquele momento, eu comecei a ter outra visão. Comecei a ver a luz no fundo do túnel. Bom, a minha vida ainda tem uma salvação. Eu não tenho mais emprego, não tenho mais minha família, não tenho mais um emprego federal, mas eu tenho capacidade, eu tenho inteligência, eu tenho braço, tenho perna, posso trabalhar, posso ir à luta. Posso construir o meu caminho. A partir daí, eu consegui fazer isso e, hoje, já faz quatro anos que eu estou na Igreja Universal. Claro, a vida não é um mar de rosas. A gente tem que lutar. Mas eu tenho conseguido, conseguido através do trabalho autônomo que eu exerço: sou corretor de seguros, sou comunicador de rádio também. Então eu tenho conseguido buscar vitórias e as coisas têm começado a acontecer na minha vida. Claro, com muita luta. Mas sempre que surgem as dificuldades, vem a certeza no meu coração que Jesus vai me dar a vitória (JOSIAS, 2002).

Com o tempo, Josias se engajou como evangelista na IURD e saiu, também, da militância partidária. Sua saída se deveu, fundamentalmente, à seguinte razão, assim expressa pelo entrevistado:

A principal razão foi política. Eu vejo o PT, hoje, com um bonito discurso, um discurso muito forte, um poder de mobilização muito grande, mas uma prática totalmente contraditória. O discurso é um, mas a prática é outra. Eu vejo o PT, hoje, muito afastado das políticas sociais, que são as coisas que eu defendo muito. Falta a inserção dos excluídos da sociedade, no trabalho, nos bens e serviços, no acesso à moradia. Vejo o PT muito distanciado disso. O PT tem uma mídia muito forte. Tem um discurso muito envolvente também, mas, na verdade, ele não transforma a sociedade. Não vejo mais o PT como uma alternativa. Tá aí o exemplo dos governos do PT. No início, foi muito bom, mas o governo do Estado, hoje, a gente sabe como está. O funcionalismo público tá numa situação difícil. Aumenta cada vez mais a população de rua. A insegurança aumenta cada vez mais na cidade. O PT não trouxe uma resposta para isso (JOSIAS, 2002).

Apesar de sua saída do PT, Josias continuou inserido no Movimento Negro, cremos que, em parte, devido à razão de sua inserção no Partido Democrático Trabalhista. Mas já no PDT e a partir do modo como ele relata sua atuação neste já se percebe um deslocamento do sentido de suas ações e que, estava a se constituir em Josias um outro projeto de vida que, aos poucos, o afastava do universo religioso afro-brasileiro pois, como ele mesmo dizia a época:

Hoje, eu sou o secretário de movimentos sociais do PDT. Tenho tido uma articulação com o movimento da juventude, o movimento sindical, movimento de negros, movimento de mulheres, ecológico, onde a gente luta por isso. Primeiro, para a defesa do patrimônio público e das empresas estatais, e segundo, políticas de geração de renda e políticas sociais, para tirar as pessoas que estão na marginalidade, a fim de incorporar essas pessoas na sociedade para terem uma vida decente, de trabalho, de família. É isso que me encanta, hoje, no PDT (JOSIAS, 2002).

Tal deslocamento de sentido e projeto fez com que Josias fosse aos poucos se afastando das religiões afro-brasileiras e, conseqüentemente, de setores do movimento negro que, de alguma maneira, estabelecessem algum tipo de conexão com esse universo religioso. Contudo, sua fala ao mesmo em tempo em que tenta dar sentido para sua biografia, recria uma nova *illusio*, esta, condizente com o seu projeto de vida atual, como podemos perceber no seguinte excerto de entrevista realizada ainda em 2002 com ele,

As pessoas sabem da minha militância, sabem das minhas atividades, tanto do ponto de vista profissional como do ponto de vista político. É lógico que as pessoas do Movimento Negro, basicamente, elas têm alguma resistência em me aceitar enquanto evangélico. Não é muito fácil isso, até porque as igrejas evangélicas combatem muito os cultos aos orixás, identificam muito, até com seu fundo de verdade, o culto aos elementos sobrenaturais como culto aos demônios. Eu, particularmente, que já estive no outro lado, eu identifico, não apenas identifico, hoje, eu tenho certeza que esse tipo de culto é um tipo de culto ao demônio. Basta a gente fazer um trabalho de pesquisa ou de observação. Basicamente, todas as pessoas ligadas aos espíritos, às entidades sobrenaturais, elas, basicamente, acabam morrendo por doenças incuráveis, tipo câncer, diabetes, AIDS e também têm suas famílias desestruturadas, muitas vezes pelo vício de alcoolismo ou vício

de drogas. E isto eu posso dizer com toda a certeza, que não é a atuação de um espírito que venha de Deus, porque o espírito de Deus é um espírito de vida com abundância. Essa é a atuação do espírito de Deus. Então, a partir do momento em que tem todas essas referências de desestruturação da família e de problemas de doenças, porque quem é de Deus, eu vejo assim, quem é filho de Deus tem que ter um corpo saudável. Porque Deus é que criou toda essa maravilha: a terra, os céus, criou a vida neste planeta. Então, tem que ter vida.

Do exposto depreende-se que Josias, a partir de então começa a perceber o mundo de um outro lugar em função de um novo horizonte, de uma nova *illusio* e, neste sentido, no interior de seu novo projeto de vida ressemantiza sua biografia e assume para si o discurso pentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus. E, mais do que simplesmente emular os signos das religiões afro-brasileiras no que poderíamos chamar de um simulacro que se constrói pela diferenciação discursiva, o discurso de Josias, reformula esses signos lhe dotando de uma natureza própria manifesta no discurso imanente por ele assumido do bispo-pastor que é validado nos momentos de celebração e culto, mas, principalmente nos “rituais de libertação e cura” (Meirelles, 2005).

Desta feita, observa-se que Josias, no interior de seu discurso, este orientado pelo seu novo projeto de vida (daquilo que é ser evangélico), reinterpreta as formações discursivas afro-brasileiras que durante muito tempo trouxe consigo, extirpando-as de seu conteúdo e esvaziando-as de sentido e as reintroduz em suas formações discursivas a partir do discurso religioso *iurdiano* de modo que,

[...] seu sentido é ressignificado com vistas a adequá-lo às necessidades impostas de se lidar com a dicotomia bem/mal, tão presente na formação discursiva iurdiana. Sob essa lógica estaria reservado aos signos trazidos dos cultos afro, como por exemplo, o “Exu”, o “Encosto”, os “Orixás”, o “Preto-Velho”, etc., as atribuições relativas a entidades malignas que, necessariamente, só poderiam ser controladas ou expurgadas daqueles que procuram [...] a intervenção do Espírito Santo (Meirelles, 2005, p. 105).

Com isso, o que se percebe na construção discursiva de Josias após a sua conversão para o pentecostalismo é, grosso modo, a presença de certo alargamento discursivo que tenta subsumir e incorporar seu passado justificando suas escolhas e sua mudança de projeto, isso, por meio da evocação de estados imanentes que pendem para o bem (baseado numa *illusio* e num projeto pentecostal de vida) ou, para o mal (baseado numa *illusio* e num projeto de vida ligado as religiões afro-brasileiras).

Contudo, apesar de Josias colocar em evidência um deslocamento de seu projeto religioso e de vida, passando do campo afro para o pentecostal, no âmbito da política, pouco ou nada se alterou, exceto o modo como este relaciona esta a aquela. Pois, em meados dos anos 2000, Josias passou novamente a militar no movimento junto a União de Negros pela Igualdade (Unegro), mas disse, na época, que iria sair do movimento. Uma das questões mais interessantes foi que Josias pretendia formar um grupo de negros a partir de igrejas evangélicas. E, neste sentido, já havia entrado em contato com um pastor, também negro, para realizar essa articulação.

3. Do Projeto e da Metamorfose de Josias

Gilberto Velho é um dos antropólogos brasileiros que mais têm nos fornecido subsídios teóricos para a leitura e a análise das transformações individuais no interior das chamadas “sociedades complexas”. No livro *Projeto e Metamorfose* (1999), o autor narra um acontecimento do qual foi espectador, na Avenida Copacabana, no Rio de Janeiro, no final da década de 1970. Tratava-se de um ajuntamento provocado por uma possessão, isto é, o espírito de um “preto-velho” que teria sido incorporado por um senhor negro, sexagenário, chamando a atenção de curiosos e transeuntes que por ali passavam.

A partir dessa narrativa, Velho nos conduz a um conjunto de reflexões sobre o que ele denomina de unidade e fragmentação nas sociedades complexas modernas. Segundo o autor, o episódio do “preto-velho” teria uma dimensão histórica de *longue durée*. Uma vez que, a crença em espíritos e em possessão, no Brasil, seria algo que dura, que permanece, por isso a afirmação de que o fato tem “profundidade histórica e amplitude sociológica” (Velho, 1999, p. 24). Poder-se ia dizer, então, que a crença em espíritos seria parte de um conjunto de representações que nos une como povo, nação. Dessa base fundante abre-se um campo de possibilidades, por onde os indivíduos transitam, com seus códigos, suas representações, formando comunidades, grupos e produzindo elementos para a fragmentação e a diferenciação.

Com essa leitura da realidade, Velho (1999) alerta para o potencial de metamorfose que é intrínseco às sociedades complexas e que move as “idas e vindas” dos sujeitos. Apoiando-se em teóricos como Georg Simmel (1967; 1983), Alfred Schutz (1979) e Clifford Geertz (1989), Velho (1999) desenvolve a ideia de que os indivíduos podem transitar por diferentes planos, partilhando símbolos, valores, movendo-se entre províncias de significados e construindo e/ou aderindo a projetos individuais ou coletivos (Schutz, apud Velho, 1999).

Ao transitarem na interseção de diferentes mundos, por vezes, podem vivenciá-los simultaneamente, variando apenas o grau de adesão e de comprometimento (Velho, 1999). Como é o caso, por exemplo, de Josias que vai aos poucos reconstruindo, discursivamente, suas práticas e ações passando do campo religioso afro-brasileiro para o pentecostal de modo que, ao mesmo tempo em que um se extingue outro se cria subsumindo aquele que o antecedeu.

Na trajetória de Josias, fica visível a constituição de um projeto político-religioso. A sua militância política no PT, no final dos anos 80, acabou encaminhando-o para a direção do CENARAB. Quando, em meados dos anos 90, ele sofre uma decepção no mercado de trabalho e se vê envolto com o alcoolismo e a depressão. No universo das religiões afro Josias encontra um alento que é capaz de fazê-lo reorganizar sua vida pessoal e social o que o leva a se “aprontar” como babalorixá. Neste momento, devido a sua forte militância política no PT, encontra espaço no interior do partido para a sua projeção por meio de um cargo executivo de grande representação para o movimento negro e a comunidade negra em geral.

Quando finda a gestão política e é obrigado a entregar o cargo, fica sem emprego e sem alternativa de sobrevivência de modo que, não apenas o seu projeto político desmorona, mas também, o seu projeto religioso, porque ambos estavam entrelaçados. Podemos dizer, assim, parafraseando Velho (1999), que há algo de *longue durée* na busca espiritual de Josias, na sua crença em uma força sobrenatural que seja capaz de reorganizar sua experiência no mundo pois, na sua narrativa, aparecem dois momentos de experiência de “crise existencial” e, nos dois casos, a reordenação do seu mundo deu-se pela mediação do sagrado, por uma “intervenção sobrenatural”, pela “manifestação dos espíritos”. Está aí a dimensão histórica e a plenitude sociológica, está aí a crença em espíritos e sua manifestação, na sociedade brasileira, compõem “a rede de significados que a percorre” da qual nos fala velho (1999, p. 57), apoiado em Geertz (1989).

Desta feita e da decepção conjuntural de Josias com o PT, este, fez emergir em sua vida um novo campo de possibilidades tanto para a militância política quanto para a experiência religiosa de modo que, sobre os escombros daquele que se desfez, Josias construiu um novo projeto político e um novo projeto religioso. No entanto, dessa vez, não necessariamente tão interconectado como no caso de sua experiência anterior.

Neste sentido, tem-se que a adesão de Josias à IURD gerou um grau de tensão com o movimento negro. Disto decorre então, que nosso interlocutor tentou resolver esse conflito buscando construir um espaço para a organização dos negros no interior da IURD. No entanto, o discurso de “demonização” das religiões de matriz africana, muito presente no interior da IURD, colocou-o em oposição a lideranças do movimento negro.

Desta feita, a medida que construía um novo projeto religioso, o nosso personagem Josias afastava-se do discurso de denúncia em relação à perseguição histórica sofrida pelas casas de nação africana na sociedade brasileira. E, neste sentido, houve uma inversão nesse papel. De alguém apontado como defensor Josias passou a ser visto como inquisidor. No entanto, constatamos que Josias preservou certa radicalidade na defesa de uma concepção “purista” da religião, possível de ser identificada no seu discurso contrário ao sincretismo religioso, quando ainda era militante do CENARAB e das religiões afro, e expressa na afirmação: “lugar de santo é na igreja, lugar de orixá é no terreiro”.

Assim, para Josias, o partido era o valor “encompassador” como quer Velho (1999) de todo o seu mundo simbólico, ou seja, a utopia carregada pela ideologia política era, de fato, o que mobilizava sua inserção em outros campos, como a militância no Movimento Negro e seu envolvimento com as religiões afro-brasileiras. Pois, como ele mesmo coloca:

A partir do momento em que comecei a participar da primeira entidade de Movimento Negro - o CENARAB (Centro Nacional dos Religiosos Afro-Brasileiros e que, depois, passou a se chamar Centro Nacional de Articulação e Resistência Afro-Brasileira), isto foi por 89 e 90, por aí. O CENARAB, então, era basicamente uma entidade nacional que articulava pessoas de vários estados do país. Como a grande maioria dos integrantes do CENARAB era integrante das religiões afro, então isso fez com que eu começasse a me encantar um pouco com aquilo. Tinha aquelas roupas afro e eu sempre achei bonito aquilo. Eu achava bonito aquilo, sobretudo pelo resgate da cultura ancestral africana e tudo. A partir daí, então, que eu comecei a me envolver (JOSIAS, 2002).

Nota-se, com isso que a política, portanto, era um elemento sagrado e de valor (MICHEL, 1997) e que no momento em que ela ruiu, os outros elos se enfraqueceram. Ao retornar ao político via linguagem religiosa, isto é, novamente alcançar um referente sagrado e “encompassador”, teve de desistir completamente da religião afro, por pertencerem a lados opostos de um mesmo campo (no caso, sua nova religião evangélica), tão opostos que se tornaram incompatíveis. Neste sentido, tem-se então, como quer Velho (1999), que é a própria memória e o projeto aquilo que dá significado à vida e à própria afirmação da identidade do indivíduo.

E deste modo, as lembranças de Josias, presentes na sua narrativa, ganhavam sentido, porque estavam devidamente articuladas ao seu projeto. Estes fragmentos do seu passado na militância das religiões afro-brasileiras que foram selecionados numa nova *illusio* adquirindo visibilidade e dando sentido à sua “nova trajetória” e à sua “nova identidade evangélica”.

4. Reencontro com Josias e as Perspectivas Etnográficas

Em meados do ano 2011, tivemos conhecimento de que Josias se tornara membro do Conselho Municipal de Cultura, no município de Porto Alegre. O interesse em compreender as inter-relações entre essa atual militância política, o universo religioso e a luta étnico-racial mobilizou os pesquisadores para o reencontro com Josias, dando início à fase, por nós designada, como perspectivas etnográficas, por englobar não somente o presente etnográfico, mas por abrir a possibilidade de novos diálogos e de um *continuum* reflexivo.

Quase 20 anos se passaram desde o nosso primeiro contato com Josias, em 1993. Nesse ínterim, Josias continuou fiel à militância política e à vida religiosa, ainda que seus projetos tenham sido atravessados por outras possibilidades de significação. As metamorfoses de Josias escancaram a pluralidade dos campos político e religioso na sociedade brasileira contemporânea. Pois, Josias retornou ao PT, mas permaneceu na IURD. Porém, atualmente, mantém-se distante da setorial de negros do partido, alegando resistência desse coletivo em aceitar sua identidade evangélica. Por causa disso, milita na setorial de cultura, motivo pelo qual é membro do Conselho Municipal de Cultura. Ainda que não resgate sua militância no movimento negro, aproxima-se das comunidades negras por meio da sua militância em defesa da cultura.

Nesta minha militância na área da cultura, trabalhando muito com música, com arte, na linha do samba, mais segmento samba, mas também outras linguagens, não só o samba, eu comecei a me envolver muito com escola de samba, cheguei a ser até presidente da minha escola de samba, que é a Samba Puro. Fui vice-presidente duas vezes, depois fui presidente. A partir daí, eu comecei a militar na temática de cultura do Orçamento Participativo, como delegado, até porque tinha que organizar algumas demandas. Pena que eu não trouxe, eu tenho um livro que eu produzi, nós conseguimos aprovar este

projeto que se chama: 'Memória Musical da Vila Maria da Conceição', então, conhecem a Maria da Conceição? É uma comunidade de favela com 30.000 habitantes, que tem domínio muito grande do crime organizado, mais do tráfico de drogas. E eu comecei a conviver nessa comunidade. Mas eu identifiquei que, mesmo com aquela contradição da 'drogadição', do tráfico e tudo, existia um elo muito forte na comunidade, do ponto de vista musical. O pessoal tinha uma musicalidade muito forte e aquilo me chamou a atenção. E como eu gosto de trabalhar muito com memória também, aí eu peguei e disse pro pessoal: 'Bah, pessoal, pô, eu vejo vocês cantarem tantos sambas inéditos, vocês não pensaram ainda em gravar um CD?' 'É, a gente não tem como, pois, como tu vê, aqui, nossa comunidade é uma comunidade de favela, excluída, as políticas públicas não chegam até nós'. E eu digo: 'Não, mas então tá, eu sou conselheiro da temática de cultura do Orçamento Participativo e, se vocês me autorizarem, eu vou demandar um projeto, alguma coisa, alguma ação que a gente possa valorizar isso aí'. Aí demandei e ganhei no primeiro ano. Demandei 'Memória Musical da Vila Maria da Conceição'. [...] No mesmo ano a gente lançou as obras, então veio um livro contando toda a história musical com depoimentos da comunidade, de pessoas, de personalidades da comunidade, as lideranças, os músicos da comunidade, pessoas da terceira idade já... E doze faixas musicais, todas elas, todas elas produzidas lá no morro, por músicos de lá. Foi show de bola, no lançamento nós vendemos mais de trezentos, só no lançamento. A gente fez o lançamento lá no Teatro Renascença, lotamos o Teatro Renascença. Agora eu aprovei novamente a segunda edição. E a nossa ideia é ver a possibilidade de lançar próximo ao dia 2 de dezembro, que é o dia nacional do samba. Então é 'Memória Musical da Vila Maria da Conceição – 2ª edição, 'O Morro Canta Mestre Paraquedas''. Por que mestre Paraquedas? Mestre Paraquedas é o cara, excelente compositor de samba, muito mais de 500 sambas, tudo inédito, é um estilo assim Bezerra da Silva este coroa, é um coroa. Eu o chamo de paraquedas, porque ele foi paraquedista no canal de Suez, ele participou da guerra do Suez, ele trabalhava no exército, ele era sargento paraquedista. Ele é um cara, assim, além de artista plástico, é sambista. Aí eu disse a ele: 'Paraquedas, me seleciona 14 dos teus sambas, me passa que nós vamos botar no projeto deste ano'. [...] E ele ficou feliz da vida: 'Bah, mas nunca aconteceu isso comigo!' Claro que eu não disse pra ele, né, mas eu pensando comigo: ele tem oitenta e tantos anos, doente, um cara que passou na guerra, cheio de doenças pulmonares, ele tem um problema numa perna também, que ele usa muleta e tudo. Eu digo, olha, daqui a pouco morre esse cara e se perde uma memória viva, não é?! (JOSIAS, 2011).

A partir deste excerto, percebe-se que há, nas temporalidades narradas por Josias, alguns elementos que “duram”. Para além da busca espiritual, também a sua militância política se mantém, mesmo quando abalada pelas crises existenciais e reconfigurada para atender a novos projetos. Para além da militância política, ele assume para si a luta em defesa dos excluídos, inserindo-a no seu projeto individual. Em alguns momentos, o compromisso com a luta social e política mescla-se à missão religiosa.

Neste sentido, temos ainda que os projetos políticos de Josias favorecem o diálogo com amplos setores, bem como exigem atitudes de flexibilidade e tolerância com a diversidade religiosa. Sujeitos e grupos que, por ora, poderiam ser colocados em polos opostos no campo religioso, pelo protagonista, são vistos como potenciais aliados frente a disputas políticas. E, quando indagado sobre a preservação de relações de amizade com lideranças das religiões de matriz africana, Josias informa:

Tem a mãe Maria de Oxum, uma negra velha que é uma grande amiga e outros também, mas esta é minha grande amiga de se visitar toda a semana, de eu ir almoçar na casa dela, ir à festa de religião na casa dela, não em festa, mas quando ela faz alguma atividade pra criança, coisa mais pública, não na ritualística... Ritual não frequentei mais. Mas em alguma festa mais social da casa dela eu sempre vou, até porque ela é apoiadora do mandato (ele é assessor de um vereador) aqui também, inclusive eu a aproximei do mandato. Esta senhora é a única filha de santo da Mãe Menininha do Gantois, no RS. O traçado do plano diretor vai passar bem em cima do terreno dela, eles vão fazer o alargamento da rua e vai passar bem em cima do terreno dela. Ela estava muito apavorada, e eu disse a ela: 'Vamos tombar o seu terreiro'. Eu estou preparando um dossiê pra defender o tombamento do terreiro dela. O terreiro dela não é um terreiro comum, ela é um braço do maior terreiro, do primeiro terreiro do Brasil. Aí ela me disse: 'Mas como é que você vai fazer isso meu filho?' 'Ah, eu orei a Deus e ele me disse que é pra mim buscar suas raízes e buscando suas raízes eu cheguei à conclusão que a senhora tem uma importância histórica, porque é um braço do Gantois aqui no RS'. Eu disse: 'Eu quero que a senhora ligue lá para o pessoal do Gantois, consiga tudo que é foto antiga, recorte de jornal da senhora com a mãe Menininha do Gantois, com a senhora lá no Gantois, pra que a gente possa fazer esta defesa'. E ela disse: 'Tu consegue?' E eu disse: 'Com Jesus eu consigo tudo' (risos). Aí ela disse: 'É mesmo, meu filho, ele é o pai maior'. Até ela, não que eu acabe envolvendo, mas ela consegue assimilar alguns conceitos meus, porque a maioria das pessoas das religiões afro tem toda esta questão da tradição, mas tem muita coisa assim de descaminho, e os mais antigos, principalmente, valorizam muito a figura de Cristo, talvez não sigam os conceitos da religião cristã, mas Cristo pra eles é uma figura emblemática. Acho que no mundo todos os islâmicos também pensam assim. Então, eu disse pra ela: 'Eu estou preparando o dossiê' e o mais interessante é que ela disse assim: 'Pois é, tu sabes que os meus irmãos da religião nunca pensaram nesta possibilidade'. Aí foi quando eu falei pra ela: 'Olha, Mãe Maria, a senhora me perdoe, até eu vou ser um pouco duro com a senhora, até porque a senhora sabe que eu já estive neste meio... Infelizmente, têm muitas pessoas que cultuam os orixás, que vivem nas trevas e nas trevas tu não enxerga nada, um palmo na frente, e eu hoje não vivo mais nas trevas, eu vivo na luz e a luz é a visão ampla de tudo, de todas as coisas, e o Espírito Santo, que é o espírito de Deus, nos dá a visão ampla de todas as coisas, então a gente consegue ter o discernimento'. Não sei, mas tem uma coisa que eu não sei se vocês sabem, mas a maioria dos evangélicos não é empregada, eles são seus próprios patrões e este é um conceito que é muito vendido dentro da igreja... Você não tem que ser empregado, você tem que explorar seu talento... 'Ah, mas eu não sei fazer nada', 'ah, mas eu não tenho formação', 'ah, eu não estudei, eu mal sei escrever meu nome...' Mas algum talento tu tens. Então, os evangélicos da igreja Universal têm muito desta coisa assim... Eu mesmo, atualmente sou autônomo, pago meu INSS, claro, tenho um CNPJ como produtor, e aqui para o vereador, eu presto serviço, não sou empregado. Agora mesmo estou com dois projetos: o da Universidade Popular do Carnaval e outro projeto que a gente vai fazer agora o tombamento do Grêmio Esportivo Ferrinho, pois, como a rede ferroviária não existe mais, foi privatizada, tem um daqueles prédios, ali que a gente está com ideia de transformar num centro cultural... Já está acontecendo alguma coisa como oficinas de teatro, oficina de música. Então, agora, a gente vai começar a elaborar o projeto pra fazer o tombamento dele, tombar pelo patrimônio histórico. (JOSIAS, 2011).

E aqui, a partir deste excerto, o que se destaca é a versatilidade e o tino políticos, o poder da oratória e o carisma, o quais dão a Josias o tom da “luz”, a clareza e o discernimento necessários para realizar a luta política em prol do reconhecimento de um terreiro de batuque como patrimônio histórico e cultural da cidade. Ainda que, essa “luz”, seja por ele interpretada como oriunda do Espírito Santo. Na intersecção entre religião, política e etnicidade, localizamos outro elemento que “dura” na trajetória de Josias a partir deste excerto, qual seja, a luta antirracista e o compromisso da defesa dos direitos da população negra.

Considerações Finais

Ao sair das religiões afro-brasileiras, Josias permaneceu ligado a algo que parece ter um grande valor na sua trajetória: a sua identificação racial e a luta pública engendrada em torno dela. É por isso que tentou, apesar de todas as dificuldades que encontrou no meio evangélico, organizar um Movimento Negro no interior da IURD. Ali, precisou realizar uma nova reconfiguração do étnico-racial, pois a linguagem da etnicidade precisava dar conta das contradições e dos conflitos do ser negro neste outro espaço: o mundo evangélico. Até porque, como afirma Dahl (1988), a participação na política dá-se não para a defesa do “bem comum”, como queriam os “antigos”, mas para a afirmação de interesses individuais ou de grupos determinados que, no caso de Josias, tendem para a defesa de sua identidade racial.

Sua trajetória é, portanto, a trajetória da afirmação de sua identidade negra e, como não poderia deixar de ser, do seu espaço dentro do mundo evangélico, que tem como consequência a luta pela visibilidade étnico-racial no interior da IURD. Nessa ordem das coisas, como o “bem” não é um efeito linear da intenção dos atores políticos, mas o efeito colateral da confluência de disputas variadas, Josias acaba por trazer para dentro do universo evangélico o debate em torno da identidade racial, no qual não somente os seus interesses estão contemplados, como um conjunto dos interesses de uma parcela significativa de afrodescendentes que passa a integrar os quadros da IURD.

A releitura do universo afro-brasileiro feita por Josias, agora, já não mais um espaço identitário mas redimensionado pertencente à “alteridade” transfigura-se num passado familiar estranho e exótico para ele. Releitura essa que foi o elemento de tensão junto a seus pares do movimento negro pois, agora, ele precisa ser negro e evangélico. Contudo, volta e meia, fragmentos desse universo religioso são, por vezes, acionados devido à sua militância política, especialmente, quando se trata de realizar o embate para a defesa de espaços e manifestações culturais, que configuram também a sua defesa como negro.

Desta feita, tem-se que a trajetória de Josias possibilitou-nos levantar alguns pontos sobre a reconfiguração da identidade e as transformações dos projetos individuais e coletivos no mundo contemporâneo, sobretudo, na intersecção entre religião, política e etnicidade. Estes, conceitos de Gilberto Velho (1999) que nos serviram para compreender as “idas e vindas” de Josias com menos apreensão,

colocando-as no interior de um campo de possibilidades inerente às sociedades complexas.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. (org.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p.183-191.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.

DAHL, Robert. *Análise Política Moderna*. 2. ed. Brasília: Ed. UnB, 1988.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana L. C. *O Tempo e a Cidade*. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

ENTREVISTAS GRAVADAS COM JOSIAS, cedidas aos pesquisadores em 1993, 2002 e 2011.

GEERTZ, Clifford Geertz. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

MEIRELLES, Mauro. As coisas fora do lugar: o deslocamento de sentido da ação e a práxis estruturada das religiões afro-brasileiras no Rio Grande do Sul. *Debates do NER* (UFRGS), Porto Alegre, v. 9, n. 13. p. 47-59, 2008.

MEIRELLES, Mauro. O Ritual de Libertação e Cura iurdiano segundo a perspectiva de Mikhail Bakhtin. *Debates do NER* (UFRGS). Porto Alegre, v. 6, n. 7, p. 99-107, 2005.

MICHEL, Patrick. Religion et Démocratie: nouvelles situations, nouvelles approaches In: MICHEL, P. (org.). *Religion et Démocratie*. Paris: Albin Michel, 1997.

NOVAES, Regina; FLORIANO, Maria da Graça. O Negro Evangélico. *Comunicações do ISER*, ed. Especial, 1985.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. Illusio: aquém e além de Bourdieu. *Mana*, v. 11, n. 2, p. 529-543, 2005.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e Afro-Brasileiros: quem vencerá essa guerra? *Debates do NER* (UFRGS). Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 10-37, 1997.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose. Antropologia das Sociedades Complexas*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SIMMEL, Georg. *A Metrópole e a Vida Mental*. In: VELHO, Otávio. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

PEDDE, Valdir. Apontamentos sobre o surgimento do Movimento Carismático (Movimento de Renovação Espiritual) na IECLB. *Estudos Teológicos*, v. 42, n. 3. p. 29-51, 2002.

PEDDE, Valdir; SANTOS, Everton Rodrigo; NUNES, Margarete Fagundes. Política, Religião e Etnicidade: Relações e Deslocamento de Fronteiras. *Sociedade e Estado* (UnB. Impresso), v. 26, p. 277-300. 2011.